

UC Berkeley

Lucero

Title

A Tempestade

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/3vb162qv>

Journal

Lucero, 12(3)

ISSN

1098-2892

Author

Fiorese Furtado, Fernando Fábio

Publication Date

2001

Copyright Information

Copyright 2001 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

A TEMPESTADE*

SHORT STORY

Fernando Fábio FIORESE FURTADO

Imagem: Jorge Dávila

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.
Manuel Bandeira

A Graça

Como pode alguém escrever sobre o corpo amado? Fazer da pele páginas? Transformar as marcas mais secretas, a geografia dos poros, a arqueologia das cicatrizes em texto? Embalsamar as pernas em letras? Não. As palavras mamilo, coxa, mão, bunda, dorso, ombro, lábio, buceta, pêlo, umbigo, pescoço, é preciso esquecê-las para não turvar este corpo. Como pretender que os pequenos abismos das consoantes possam acolher as superfícies desta paisagem, com seus tremores e nervuras? Como nomear, descrever, narrar este corpo que entre lençóis se esconde e se anuncia? Sequer ousa tocá-lo. Olhar me basta. Como um menino doente que, às escondidas, abre a janela do quarto e, mesmo quando a chuva e a noite dissolvem a cidade, imagina velocípedes, pique-bandeira, bilosca, carrossel, piscina, passeio de mãos dadas, cinema... A visão do corpo amado é minha hora mais silenciosa. Para que tocá-lo? Para que escrevê-lo? Ainda em febre, olho através da chuva. Tremores ínfimos parecem ventos, o rumor dos lençóis faz tremer as nuvens, os olhos fechados não prometem menos que o sol. Afinal, não é um corpo o que vejo assim distante, mas os volumes de uma inteira biblioteca, jamais escrita. Como traduzir o barulho dos cabelos na fronha, as cintilações do escuro acenando nas unhas, a linhagem das orelhas, a prosódia líquida da perna esquerda? Afinal, não é um corpo, mas uma minúscula tempestade, um oceano encolhido no aquário - e qualquer mão brusca pode entorná-lo. Por mais que estenda o braço, não consigo tocar o corpo que amei. Amo. Por mais palavras que tenha, não posso escrever este corpo que me dá as costas e se oferece. Como todas as coisas bem guardadas, ele soube se perder na região difícil desta cama. As palavras nada podem, vacilam entre o espelho e a penumbra. Quando muito, as minhas mãos estremecem e recuam com medo das sombras. Como cobrir de palavras um corpo que, desde e para sempre nu, parece dançar nas poças d'água e abrir a janela para a chuva, senão quando súbito estremece e grita sob os relâmpagos e tapa os ouvidos para o trovão e se encolhe na cabeceira da cama? Um animalzinho só susto: músculos encolhidos, excesso de olhos. Para o banquete do medo, enfim o corpo banal, diário - da cadeira, da mesa, da rua, do vestido. Agora poderia descrevê-lo, nomeá-lo. Talvez narrar o ricto, o ridículo da dor menor, este mundo infantil e hospitalar escondido debaixo dos lençóis. Mas não. Sorrio, rio, gargalho. Fico alto. Ela se levanta da cama e me olha, nua como nenhuma mulher ousara. Enorme e física, os olhos numa altura que não alcanço. Enrola-se no lençol e desaparece na porta do banheiro. Volto a ser aquele menino doente. E já não há janela.

* Do livro inédito Inventário de perdas.